

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FILMAR
2 de Fevereiro de 2024

TERRA SONÂMBULA / 2006

um filme de TERESA PRATA

Realização: Teresa Prata / **Argumento:** Teresa Prata a partir do romance homónimo de Mia Couto / **Fotografia:** Dominique Gentil / **Montagem:** Jacques Witta, Paulo Rebelo / **Música:** Alex Goretzki / **Direção de Som:** Carlos Alberto Lopes, Marcos Filipe / **Direção Artística:** Caroline Alder / **Guarda-Roupa:** Isabel Peres / **Interpretação:** Nick Lauro Teresa (Muidinga), Aladino Jasse (Tuahir), Hélio Fumo (Kindzu), Ilda Gonzalez (Farida), Laura Soveral (D. Virgínia), Ana Magaia (Tia Euzinha), Issuf Mohamed (Surendra), Aron Silva Bila (Antoninho), Ernesto Lemos Macuacua (Siqueleto), Filimone Meigos (Joseldo Bastante), Tânia Adelino (Filomeninha), Helena Muguambe (Mãe de Kindzu), Eugénio Cumbane (Junhito), Márcia Cumbane Paulo Cumbane, Eduardo Mazivilla (Irmãos de Kindzu), Aliaga da Silva (Ladrão), Marcela Chambale (Mulher na Praia), Prafutabai Jaiantilel (Assma), Erónia Malate (Mulher na Estação), Alan Cristina Salazar (Bebé na Estação), Gildo Arão Balate (Líder do Bando I), Jorge Kanic Passe, Afonso Francisco, Alfredo Júnior, Candido Andrade, Alfredo Acilia Junior, Cergílio Félix, Frank Lipunda, Severino Rafael, Valdemar António (Bando I), Nelson Magaia (Líder do Bando II).

Produção: Filmes de Fundo / **Co-produção:** Ébano Multimédia, ZDF/ARTE / **Produtores:** António da Cunha Telles, Pandora da Cunha Telles, Camilo de Sousa / **Direção de Produção:** Jorge Coelho / **Cópia:** dcp, falada em português e alguns excertos em Tsonga, sem legendas / **Duração:** 107 minutos / **Primeira apresentação pública:** Agosto de 2007, Montréal Film Festival, Canadá / **Estreia comercial em Portugal:** 8 de Maio de 2008, Cinemas Alvaláxia e Lusomundo Amoreiras / **Primeira exibição na Cinemateca:** 4 de Julho de 2014, Ciclo “António da Cunha Telles – Continuar a Viver”.

com a presença de Teresa Prata

Terra Sonâmbula é a primeira longa-metragem de Teresa Prata e parte do romance homónimo do escritor moçambicano Mia Couto, que a realizadora adaptou ao cinema, depois de ter realizado várias curtas-metragens em anos anteriores. Escrito em 1992, o livro deu origem a um *road movie* verdadeiramente atípico, conotado com uma insólita viagem dos dois protagonistas – uma criança (Muidinga) e um homem mais velho (Tuahir) – pelas estradas poeirentas do Sul de Moçambique.

No início do percurso, face a um autocarro carbonizado cheio de cadáveres em decomposição, Muidinga, a criança, refere “não aguentar mais viver entre os mortos”. Expressão que revela plenamente os efeitos dos longos anos de guerra civil, que se sucede a uma guerra colonial, e introduz o retrato de um país habitado por personagens física e psicologicamente devastadas, que vemos nas imagens.

São várias as narrativas que se cruzam: a história progressivamente revelada da origem e do destino dos dois protagonistas em viagem; as histórias orais e os

ensinamentos de Tuahir, que contribuem para a formação e para o crescimento de Muidinga; mas também a história presente nos cadernos encontrados de um homem chamado Kindzu. Como resume uma frase que apresenta o filme: são “duas histórias separadas pela guerra e unidas por um diário”, correspondendo a duas linhas narrativas que se desenvolvem em montagem paralela, mas que lentamente se aproximam.

Se a estrutura de **Terra Sonâmbula** revela alguma complexidade, as personagens também, dada a sua deslocação permanente. Trocam constantemente de papéis, assumindo os lugares daqueles que estão ausentes ou desaparecidos, sem nunca os substituir. Muidinga assume o nome do filho de Tuahir, que partiu para a África do Sul, recusando, contudo, tratá-lo por pai; Farida é encarada por Muidinga como a mãe desaparecida e, de modo mais lato, o miúdo encontra na história do diário a sua própria história.

E se na longa primeira parte da obra de Teresa Prata sobressai uma vertente realista e semi-documental, espelhada nas cruas palavras de Muidinga, instala-se progressivamente uma atmosfera mágica. Tal relaciona-se directamente com o universo fantástico da narrativa de Mia Couto, entrando o filme numa outra dimensão, assente no progressivo entrelaçar da história contemporânea moçambicana (relembramos que Mia Couto escreveu “Terra Sonâmbula” em 1992, o ano em que termina a guerra civil moçambicana) com uma cultura mitológico-fantástica africana.

O maravilhoso insinua-se lentamente através das narrativas que se contam ou daqueles com quem os dois protagonistas se cruzam, numa viagem que se revela repetidamente circular, mas irrompe verdadeiramente quando Muidinga começa a escavar a terra e encontra uma infundável nascente. Água que se transformará num rio, que conduzirá os dois protagonistas até ao mar.

Um “machimbombo” onde jazem restos de corpos carbonizados, um grande navio encalhado com o nome de “Moby Dick”, ou um velho funcionário ferroviário, que deambula por um país onde os comboios deixaram de circular, são tudo símbolos de uma realidade paralisada. Mas tal imobilidade será contrariada por um processo mágico, que conduzirá os dois “sonâmbulos” até ao mar. Metáforas cinematográficas de um tempo parado, que anunciam um tempo de mudança.

Joana Ascensão